

“GHIGGIA, o Papa e Frank o Maracanã. Eu



São 4h39 da tarde do domingo 16 de julho de 1950. Lá vem a fera avançando em direção ao gol do Brasil, lá vem aquele pontadireita de nome esquisito, lá vem o carrasco Ghiggia com a bola nos pés. Duzentos mil torcedores olham para as mãos de Barbosa, o goleiro do Brasil. Trinta e quatro minutos do segundo tempo.

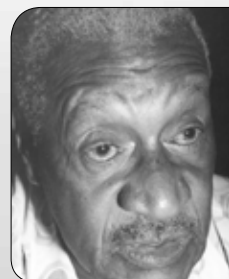
Ninguém no estádio ouve o último grito de desespero de Barbosa. “Eu gritei para Juvenal!” Mas o zagueiro chega uma fração de segundo atrasado. Não

Sinatra calaram também calei.”



consegue interromper a trajetória da bola. Não dá tempo. Ghiggia chuta. A bola cruza a pequena área. Vai para o fundo da rede. Dois a um para o Uruguai.

Crucificado pelos que caçavam um culpado para a derrota, Barbosa carregou o trauma durante anos a fio. Quando uma equipe de televisão quis levá-lo, 35 anos depois, para a gravação de uma entrevista na pequena área fatídica, no Maracanã, Barbosa recusou o convite. Não queria revisitar o cenário do confronto final com Ghiggia. A recusa dá a dimensão do trauma.



Barbosa revela um lance de bastidores que jamais chegou ao conhecimento da torcida: tentou fazer uma refeição na concentração do Brasil, no dia da finalíssima contra o Uruguai, mas mal pôde comer, porque a todo momento era interrompido por cartolas, políticos e penetras de todo tipo que queriam saudar os “campeões do mundo”. O técnico Flávio Costa teve de partir para o Maracanã antes da hora prevista, para garantir um mínimo de privacidade aos jogadores.

Barbosa se lembra de um atropelo extra no domingo inesquecível: um enguiço no ônibus da Seleção, na ida ao estádio.

O inferno astral de Barbosa duraria uma eternidade. Meses depois, foi chamado a depor no DOPS, o Departamento de Ordem Política e Social, para explicar por que tinha assinado um manifesto do Partido Comunista - na época, condenado à ilegalidade. Uma ironia: Barbosa era o goleiro predileto de Getúlio Vargas.

Barbosa pede justiça. Diz que 50 marca, na verdade, o nascimento do Brasil como potência do futebol.

- O Brasil teve, ali, a primeira chance de se projetar para o mundo em termos futebolísticos (*sic*), porque, até então, nosso país era tido como um mero participante. Em 50, tivemos a chance porque nos preparamos. Tivemos seis meses de preparação! A minha mulher até hoje cobra de mim, porque estivemos seis meses fora, fomos a Araxá, para Poços de Caldas. Chegava um sujeito, botava o microfone, eu mandava recado para minha mulher: “Fulana, eu estou assim, vai tudo bem.” Depois, eu ouvia o que ela tinha a me dizer. Era esta a nossa ligação matrimonial durante seis meses! Nós, então, nos preparamos realmente para disputar. Talvez tenha sido essa a primeira vez em que o Brasil se preparou para disputar uma Copa do Mundo. 1950 foi o marco inicial de outras conquistas. Um detalhe: um ano depois, em 1951, quando os uruguaios faziam a mesma festa que nós pretendíamos fazer aqui, Vasco e Peñarol jogaram dentro do Estádio Centenário, em Montevidéu. Os uruguaios diziam que o jogo ia ser a confirmação daquilo que eles conquistaram no Maracanã. Mas o que aconteceu? Fui lá e ganhei de 3 x 0. A mesma decepção que tivemos aqui eles tiveram lá. Não puderam festejar. O Peñarol era a base do Uruguai. O Vasco, a base do Brasil. Se houve vingança, essa foi a primeira e única.

“O nosso técnico, Flávio Costa, disse, antes do jogo: ‘Não admito deslealdade.’ Veja bem a conotação da coisa: não admitia deslealdade. Mas o futebol é para homem; é jogado por homens. Depende de como cada um capta a recomendação. Deslealdade significaria dar um pontapé, um soco. Era o que Flávio não admitia. Mas a recomendação do técnico não afetou Bigode, ao contrário do que dizem. Bi-

gode sempre foi um jogador raçudo e viril. Não iria fugir de suas características. Teria que jogar como jogou.

“O que houve realmente é que, até o jogo contra a Espanha, nós estávamos num céu - a concentração da Seleção, no Joá. Era tranquilo. A gente só se lembrava de que tinha o jogo quando alguém falava: ‘É hoje. Vamos descer lá embaixo para liquidar os gringos. Depois, a gente volta para soltar nossos balões, fazer nossa fogueira e fim de papo.’ Acontece que, após o jogo contra a Espanha, botaram a gente já como campeões do mundo: tiraram a gente do céu - a concentração no Joá - e botaram no inferno, em São Januário. Então, em São Januário, passamos a ser bonecos e garotos-propaganda de políticos. Era candidato a presidente da República, a deputado, a vereador, a delegado, uma porção de coisas. Nós é que pagamos por isso. Tinha até delegado. Isso tirou o sossego que a gente tinha.

“Quando era dia de jogo, eu dificilmente comia ou fazia refeição, porque a minha digestão era difícil. Então, eu não fazia. Pela manhã, eu comia um bife ou dois ovos quentes - e ficava naquilo. Só ia me alimentar após o jogo. Quando chegou o dia da final contra o Uruguai, eu sentei na mesa, mas só comi uma folha de alface e uma rodela de tomate, porque, a cada garfada, vinha um sujeito e dizia: chegou fulano de tal, ‘candidato a presidente da República’. Diziam meia dúzia de besteiras. Quando a gente sentava, vinha outro: todo mundo então se levantava para receber o ‘seu’ fulano, candidato. Onze horas da manhã, o técnico Flávio Costa pegou a gente, reuniu todo mundo, botou dentro do ônibus e levou para o Maracanã. Guardou a gente lá como se guarda touro antes da tourada na arena. Ficamos trancados dentro do vestiário - comendo sanduíche e descansando até a hora de entrar para ‘a arena’, como se diz.

“Ninguém se alimentou porque ninguém teve tempo de comer, tal era o número de pessoas querendo tirar partido da situação. Então, Flávio Costa teve que pegar a gente, levar logo para o Maracanã e acabou.

“A gente tinha consciência de que os políticos queriam nos usar. Mas não podíamos fugir; esse é que é o problema. Por quê? Porque eles nos pegavam todos ao mesmo tempo. Para que se tenha uma ideia: apareceu na concentração do Joá um grupo de rapazes e moças com um abaixo-assinado que deveríamos assinar, por-

O PÚBLICO DA FINAL:

173.850 pagantes. *Calcula-se o total de espectadores, entre pagantes e não-pagantes, em 200 mil - o que corresponde a exatamente 10% da população estimada pelo censo de 50 (2 milhões e 303 mil). É até hoje a maior plateia da história do futebol.*

que era a favor da paz, pelo bem da coletividade. Assinamos o documento. E sabe o que era? Um manifesto comunista! Quatro ou cinco meses depois da Copa, fomos chamados para prestar depoimento no DOPS (Departamento de Ordem Política e Social): tínhamos de dizer se éramos comunistas ou não. A que ponto chegamos! Nós entramos nessa sem saber, assim como entramos na propaganda de candidatos a nem sei o quê.

“Além de tudo, em São Januário, a poluição provocada por uma fábrica de tintas ia parar lá dentro de nossa concentração. Nós éramos obrigados a levantar cedo, para não ficar com aquela poluição.

“O ônibus que levava a gente para o Maracanã enguiçou: a gente teve de empurrá-lo! Mas, depois, tivemos tempo para descansar.

“Quando estava na concentração no Joá, a gente tinha sinuca e instrumentos musicais para fazer samba. Mas, em São Januário, o problema era a afluência: a gente via uns quarenta ônibus ao redor da concentração. Uns sujeitos querendo autógrafos; outros tirando fotografias para vender. Flávio Costa, então, foi obrigado a fechar, porque senão, a gente não teria tempo nem para comer.

“A gente já sabia que nossa obrigação era uma só: ganhar. Mas o silêncio da torcida durante a final até certo ponto pesou, em termos de incentivo. Se você tem incentivo, a coisa vai. Se não tem, o negócio cai. Tinha que cair. A gente sente, quem é que não vai sentir? Dizer que não sentiu é mentira!

“Infelizmente, aqui no Brasil, a gente só olha uma coisa: ou você é campeão ou não é. Porque vice, meu filho ... Aqui, não tem valor nenhum.

“Honestamente: não passou pela minha cabeça que a gente fosse perder para o Uruguai. Teve o Sul-americano em 1949 e a Copa Rio Branco logo depois. Ganhamos os dois. O placar no Sul-americano foi 5 x 1 para o Brasil.

“O nosso técnico fez o que tinha que fazer durante a Copa. Não adianta o técnico ficar gritando se o jogador não obedece. Não adianta nada. O técnico grita, grita, grita e o jogador não obedece. Quanto mais ele grita, pior fica.



O goleiro Barbosa revê o “carrasco” Ghiggia: quando se encontrava com jogadores brasileiros, Ghiggia diz que falava de tudo, “menos de futebol”, por uma “questão de respeito”

“É conversa essa história de que Obdúlio Varela ganhou o jogo no grito. Mas falou ao Brasil uma voz de comando. Depois que o Uruguai fez 2 x 1, o Brasil reagiu, mas desordenadamente, na base do bumba-meu-boi, no sufoco.

“Sempre fui um jogador que os uruguaios respeitavam pra burro: a mim, a Zizinho, a Ademir. Toda vez que havia um evento no Uruguai, eles convidavam a mim, ao Ademir e ao Zizinho. Só nós três. Pagavam as passagens. Os outros eles deixavam. Por quê? Porque tínhamos uma afinidade maior. Dentro de campo, contra o Uruguai, encaramos o jogo. Fora, no convívio social, valia a amizade. Deixava de existir disputa. Não há a disputa.

“De qualquer maneira, quando o jogo acabou, fui cumprimentar Schiaffino, Obdúlio Varela e Máspoli - que agradeceram e foram festejar o título.

“Quando o Uruguai fez o gol de empate, houve um resfriamento natural da parte do Brasil. O segundo gol foi pior ainda. Veio de um lance imprevisível. Todo mundo pensou que Ghiggia fosse tocar a bola para trás, para outro jogador, como aconteceu no primeiro gol do Uruguai. Tenho minhas dúvidas sobre se Ghiggia realmente queria chutar a gol. Não sei bem o que ele pretendia fazer. Nem ele talvez tenha realmente noção do que quis fazer. Eu esperava que ele cruzasse a bola para a área: era esta a lógica da jogada. Mas não me desesperei com o gol. Não adiantava eu me desesperar. O gol aconteceu, não adiantava: Desespero foi o que aconteceu depois, mas aí o Brasil não conseguiu chegar lá.

“Depois da Copa, cheguei a me encontrar com Ghiggia, mas nunca tocamos no assunto: nem ele me perguntou nem eu perguntei a ele. Nunca. Jamais tocamos nesse assunto. Nunca tive curiosidade de perguntar a ele.

“De qualquer jeito, quando a bola foi lançada para Ghiggia, Juvenal teria de ir lá. O Bigode se deslocaria para cobrir o lado de Juvenal. Mas Juvenal não foi. Ghiggia, muito veloz, veio embora. Chegou a entrar na pequena área. Eu gritei para Juvenal, para ele marcar. Mas, nessa hora, Ghiggia chutou. Tchau. Já era.

“Quando o jogo acabou, saímos do Maracanã para São Januário. O meu compadre e minha mulher estavam me esperando no meu carro, me levaram para casa. Cheguei aqui em casa, botamos o carro para dentro da garagem. Depois, fomos a uma ruazinha que tinha um restaurante. Queríamos jantar. Tudo estava deserto. Não tinha ninguém na rua. Depois de tudo, foi uma desolação tremenda.

“Não chorei, mas senti. Não vou dizer que não. Cada um tem uma maneira de reagir a uma adversidade. Eu senti, mas não extravasei. Tive que conter minha mulher e meu compadre, porque os dois é que choravam muito.

“Diziam, antes da final, que nós, jogadores, iríamos ser candidatos a vereador, a deputado. Tinha casa, tinha fazenda pra gente. Depois ... Você sabe o que ganhamos? Acho que mil cruzeiros.

“Disseram que Obdúlio Varela tinha dado um tapa em Bigode. É conversa, é mentira, é invenção. Uma vez me disseram que quem inventou foi Mário Filho [jornalista esportivo, irmão de Nelson Rodrigues]. Aliás, contestei o que Mário Filho escreveu: que trememos porque éramos pretos. [Mário Filho apenas constata que a culpa foi jogada nos jogadores negros; não os acusa.]

“Mário Filho também andou dizendo que, no dia de minha estreia na Seleção Brasileira, contra a Argentina, em São Paulo, Flávio Costa teria me tirado de campo no intervalo porque eu estaria com o calção todo sujo. Todo sujo de merda - é essa a expressão. Mas eu nem quis contestar, porque essa é uma baixeza tão grande que nem vou descer a esse nível.

“Talvez tenha existido racismo no fato de culparem a mim e a Bigode. Mas não acredito que tenha existido: se existisse racismo, eu não teria voltado à Seleção Brasileira, como titular, como voltei, no Sul-americano de 53. Só não fui à Copa do Mundo de 1954 porque estava com a perna quebrada.

“É como João Saldanha dizia: se não existe crioulo na Seleção, não vai. Se não existe crioulo no samba, não existe samba.

“A única coisa que me magoou foi o sujeito não respeitar o meu título de vice-campeão do mundo. É o que me magoa. Uma vez, quando cheguei à Rússia, me perguntaram: ‘Quais são os seus títulos?’ E eu: ‘Campeão sul-americano, vice-campeão do mundo ...’ Quiseram saber o que é que eu tinha na minha terra. Eu disse: ‘Não tenho nada. Pelo contrário: me esculhambam!’ E eles: ‘Aqui na Rússia, você seria grão de não sei o quê, uma série de coisas. Se a gente tivesse conquistado o que você conquistou, estaria no céu.’ Eu digo: ‘Pois no meu país eu não sou nada, porque lá no Brasil dizem que sou covarde porque perdi uma Copa do Mundo! Já me chamaram até de traidor da pátria!’

“Aliás, eu gostaria de saber a razão por que jogam a culpa na gente - em mim e em Bigode.

“Cheguei a uma conclusão depois daquela Copa: a humildade é uma das coisas mais sublimes. Minha vida mudou depois de 50. Eu me julgava um sujeito prepotente. Depois, cheguei à realidade, vi que nós somos o que somos - nada mais! Ninguém é mais nem menos do que ninguém.

RENDA DA FINAL:

Cr\$ 6.262.959,00



“A derrota mexeu com o Brasil todo. Eu senti a derrota no aspecto esportivo. Mas sempre achei que nós, brasileiros, subestimamos aquilo que somos. Nunca acreditamos no que somos.

“O Brasil será um grande país no dia em que acreditarmos naquilo que somos. Mas até hoje ainda duvidamos daquilo que somos.

“Há quem queira que o país continue subdesenvolvido, não cresça perante o mundo: querem ver o Brasil espezinhado, massacrado, pisado. A gente tem que aturar, mas ainda acredito que nós, o Brasil, vamos vencer.

“Eu disse a Ghiggia que eu também já calei o Uruguai, no Estádio Centenário, em Montevideú. Venci os uruguaios por 3 x 0.

“Por incrível que pareça, nunca sonhei com a final. Nunca aquele jogo contra o Uruguai me vem em sonho. Se eu sonhasse, não iria mudar o rumo da história.

“A Copa de 50 foi o primeiro grande momento do futebol brasileiro. Ali o futebol brasileiro passou a ser conhecido no mundo, diante do que a gente apresentou. Não fomos campeões, mas a nossa equipe foi considerada uma das melhores daquela Copa.

“A verdade é que não existe uma explicação para a nossa derrota. Uma explicação que se poderia dar é subestimação do adversário, uma pré-vitória, uma pré-consagração do Brasil. Mas a gente tinha de enfrentar o Uruguai, um tipo de futebol igual ao nosso. Nós, os jogadores, sabíamos das dificuldades que íamos encontrar. Mas o povo não foi preparado para essa dificuldade. O povo e a própria Seleção. Porque a Seleção entrou na euforia do ‘já ganhou!’. Aquilo nos perturbou bastante.

“Raça não faltou ao Brasil. Se a gente tivesse tido a tranquilidade necessária, se aquela final tivesse sido disputada fora do Brasil, talvez nós tivéssemos ganho a Copa.

“O instante maior de todo jogo é aquele do início. Em toda partida decisiva, os nervos ficam à flor da pele nos primeiros dez, quinze minutos. Depois que se começa a tomar parte do jogo, a coisa vai: a gente joga o dia todo, a noite toda. Mas o início do jogo é que é o problema.

“Por ter sido a final da Copa, aquele jogo trouxe mais responsabilidade. O que aconteceu é que as responsabilidades, ao invés de serem divididas, foram jogadas, todas, para cima de nós, jogadores. Aquilo pesou bastante na balança na hora de buscar a tranquilidade necessária para ganhar a partida.



Barbosa: "Cheguei a uma conclusão, depois daquela Copa: a humildade é uma das coisas mais sublimes"

"Quando o Brasil jogou com o Uruguai na Copa de 70, falaram em vingança de 50. Mas não vi assim. Honestamente: eu lavei minha alma um ano depois da nossa derrota na final da Copa, quando viajei para o Uruguai, pelo Vasco da Gama, para enfrentar o Peñarol.

"Hoje, depois de tudo, me sinto feliz por ter participado da Copa de 50, porque, ali, o Brasil apareceu para o mundo como potência do futebol.

"Quando o Brasil fez 1 x 0 na final, não dei a partida como ganha. Porque sempre tive por lema uma coisa: sempre ganhei ou perdi uma partida quando o juiz apitou o final. Antes, nunca! A euforia foi grande na hora que fizemos 1 x 0. Mas, nos dois gols que tomamos, vimos o reverso da medalha: ao invés de risos, lágrimas.

"O silêncio foi pior ainda. Mas, quando o Uruguai empatou, não pensei em perder o jogo. Porque a gente sempre pensa no melhor. Se pensar no pior, é derrotado, sempre.

"O Brasil teve tempo suficiente para ganhar. Só não teve tranquilidade.

"O gol de Ghiggia nasceu de uma jogada que ele estava fazendo desde o início do jogo: corria para a linha de fundo e cruzava para trás. Vinham, então, dois ou três jogadores pegar o cruzamento: Miguez, Schiaffino, o próprio Obdúlio Varela, Julio Perez vinham para concluir a jogada. Numa dessas, eu pensei que ele, Ghiggia, fosse fazer a mesma coisa, mas ele não fez. Tentou outra coisa e deu sorte. Azar meu, sorte de Ghiggia. [Ao invés de cruzar para um de seus companheiros de ataque, Ghiggia arriscou um chute a gol.]

"Quando a bola entrou, não sei o que passou pela minha cabeça: numa hora dessas, a gente pensa em tudo - menos, talvez, no futebol.

"O silêncio do Maracanã, sem dúvida, repercutiu em nós, jogadores. Mas pior foi depois. Dá aquele trauma de tudo, chega a hora de encontrar a família, também